

Quando falta a visão da analista

Nicole Pedroti Venturin Padilha¹

Na teoria freudiana, a cena em que Édipo fura os próprios olhos é tomada como um equivalente à castração, à punição advinda diante do parricídio e do incesto. Entretanto, em nossa vivência edipiana constitutiva, a castração se trata de algo da ordem do simbólico, castração que remete à lei, à proibição, à interdição. Mas e quando nos deparamos, em um momento de nossa vida, com uma castração da ordem do real, do trágico, tal qual na peça de Sófocles?

Este trabalho é, talvez, o texto mais difícil que já escrevi, pois trata-se de um relato autobiográfico. Há cerca de dois anos, deparei-me com um diagnóstico que me impactou profundamente: Doença de Stargardt. Trata-se de uma doença hereditária da retina, que provoca a perda progressiva da visão central. A castração no real do corpo, uma mancha que vai encobrindo a imagem que antes ali estava. Vão-se perdendo os detalhes, as letras, aquilo que diferencia os traços, o rosto das pessoas. Uma condição que te coloca em contato com um furo impossível de tamponar: não há óculos ou quaisquer outros recursos capazes de disfarçar que ali algo falha.

Lacan (1964) relaciona o olhar à falta constitutiva da castração, aquilo que sempre nos escapa, a mancha do dado-a-ver. Algo que vivencio diariamente. Há sempre uma parte que não vejo, uma imagem que vai e volta em meu campo de visão sem que eu possa capturar.

1 Psicanalista. Membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra. Pós-graduanda em Psicanálise, da Clínica à Cultura, pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Santa Catarina -Blumenau.

Uma marcha que sempre faz com que aquilo que seria visto tenha parte de si encoberto por uma nuvem que distorce a imagem. “Na medida em que o olhar, enquanto objeto *a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração, e que ele é objeto *a* reduzido, por sua natureza, a uma função punctiforme, evanescente - ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência [...]” (LACAN, 1964, p. 77). Em meu campo de visão, as imagens vão e voltam, pontos pretos se sobrepõem, vazios que não podem ser preenchidos.

Quinet (2015) refere que Édipo, ao furar os próprios olhos, deixa de ser sujeito do olhar e passa a ser objeto olhado.

A passagem da posição de sujeito para de objeto no campo escópico dá-se no processo que vai de ver ao ser visto, de não-saber ao saber, de objeto de ver ao gozo do olhar. Se o processo da busca que o aproxima da verdade é progressivo e gradual, a passagem de Édipo sujeito para a posição de objeto dá-se bruscamente, no momento do ato de cegar-se. Ele se torna objeto (QUINET, 2015, p. 91).

Realmente, minha busca por saber levou alguns anos. Sabia que havia “algo de errado”, pois tornava-se cada vez mais difícil ler e escrever, e os óculos que me receitavam em nada ajudavam. Então, em 2019, saí em uma viagem rumo a São Paulo, em busca da verdade. Lá, ao fazer um teste genético, deparei-me com o trágico diagnóstico. Uma notícia brusca, avassaladora... Iria perder a visão aos poucos e, até o momento, não havia nenhum tratamento capaz de reverter ou ao menos paralisar este processo.

Minha primeira reação foi o desespero - des espero - não havia nenhuma esperança, nada em que eu pudesse me agarrar. Seria tirado de mim o prazer proveniente da visão e alguns dos prazeres subjacentes a ela: a leitura e a escrita. A escrita sempre fora uma atividade de grande satisfação. Situação que remete a um momento inicial de nos-

sa constituição, no qual nos deparamos com a falta e a necessidade de buscar satisfações substitutivas, uma vez que se torna impossível obturar aquilo que a lei, a castração, nos impõe. Mas esse processo, num primeiro momento, parecia inacessível a mim. Diante da castração, no real, senti-me impotente, imobilizada.

De repente, fui assolada pela sensação de deixar de ser sujeito e tornar-me objeto. Objeto da genética, do destino, de uma “punição” de um crime sobre o qual eu não era culpada. Tal como Édipo, “cegado” por sua história, por um destino do familiar, do trágico. Vi-me objeto da medicina, de exames, objeto de observação à mercê do saber e do olhar de um Outro sobre o qual eu não tinha qualquer controle ou escolha. Vi-me regredir à dependência do olhar do Outro, a um ver que é da ordem do ser visto, ao qual somos submetidos de modo original. “[...] a dependência do visível em relação àquilo que nos põe sob o olhar do que vê [...] em minha existência sou olhado de toda parte.” (LACAN, 1964, p. 73). De sujeito a objeto. Da atividade à passividade.

E talvez tenha sido justamente isso que ocorreu comigo durante um bom tempo. Uma espera passiva, desesperançosa, passividade diante de um mortífero que parecia assassinar o sexual, o pulsional em mim. Como um dos primeiros efeitos desse processo: a inibição da escrita. Freud (1926 [1925]) relaciona a inibição à retração de uma função, a uma sensação de impotência psíquica e à diminuição do prazer que antes ali existia. Por um longo tempo, meu sentimento de impotência perante a vida fez com que a atividade da escrita se tornasse impossibilitada. A dificuldade para distinguir as palavras em alguns livros, as letras que se tornavam ilegíveis na tela do computador... Como eu poderia continuar escrevendo? Em cada tentativa, ao me deparar com os “furos” de minha visão, lágrimas escorriam dos meus olhos... Era melhor desistir.

Eu estava absorvida por um luto antecipatório daquilo que viria a ser vivido, gradativamente, por mim. “Quando o ego se vê envolvido em uma tarefa psíquica particularmente difícil, como ocorre no luto

[...] ele perde uma quantidade grande de energia à sua disposição que tem de reduzir o dispêndio da mesma em muitos pontos ao mesmo tempo”. (FREUD, 1926 [1925, p. 94]). O pouco de energia psíquica que restara desse processo de luto era destinado ao meu trabalho na clínica, que não podia parar. Eu tinha que estar “viva” para o trabalho com meus analisandos.

São traumáticas

[...] as excitações externas que possuem força suficiente para romper o escudo protetor. Acredito que não podemos compreender o conceito de trauma sem vinculá-lo a uma ruptura na camada protetora contra estímulos, a qual sabemos sob circunstâncias normais operar de modo eficaz. Não há dúvida de que um acontecimento como o trauma exterior provoca uma grave perturbação na economia energética do organismo, além de acionar todos os mecanismos de defesa e o princípio do prazer é, logo de início, fora de ação. Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o psiquicamente para poder então processá-lo (FREUD, 1920, p. 153- 154).

Assim, a notícia de uma perda progressiva da visão se impôs de forma traumática, parecendo romper quaisquer mecanismos de proteção. Deparei-me com um sentimento de impotência, de falta de controle em relação ao meu próprio corpo... Uma notícia devastadora. E parece que, por um tempo, minha defesa foi justamente reunir todas as energias disponíveis para encapsular, conter tal conteúdo, num movimento de fechamento em torno deste traumático, em que parecia não haver mais espaço para o princípio do prazer. A morte

das células oculares parecia assolar-me com um sentimento de morte enquanto sujeito.

Saber o prognóstico da doença, conhecer casos de pessoas nas quais o quadro sintomático já estava avançado, me colocava frente à possibilidade de uma realidade futura que me assustava demais. Diante desse luto antecipado, da força do traumático, entrei em um estado de recolhimento narcísico. “Produz-se, assim, um ‘contra-investimento’ de grande envergadura à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos, que sofrem uma extensa paralisia, ou à custa de uma forte redução de qualquer outra função psíquica.” (FREUD, 1920, p. 154). Senti-me empobrecida de tudo aquilo que antes tinha sentido para mim: o trabalho na clínica, a escrita, as atividades prazerosas do dia a dia, a própria relação com as pessoas. Parecia que toda minha energia psíquica estava voltada a processar o traumático que se instaurara. Passivamente acometida pelas frases recorrentes dos médicos com os quais me consultei: “Não há o que fazer”, “Não existe tratamento”.

Via-me absorta por pensamentos do tipo: Como vou escrever? Como vou ler? E como seria perder os detalhes e as cores das paisagens, que sempre me proporcionaram momentos de grande satisfação? Isso me assustava - e, confesso, ainda assusta - demasiadamente. De sujeito ativo, detentor do prazer de olhar, tornei-me passivo... Seria olhada. Sem poder muitas vezes distinguir o rosto das pessoas, eu dependia de que o outro me identificasse, me chamasse, me reconhecesse, para que então eu pudesse vir a interagir. É o outro que sabe quem sou, que me vê.

Parecia ganhar demasiada força, quase que uma fixidez, aquilo que Freud (1915) denominou de uma alteração da meta: do ato de olhar ao ser olhado, de se mostrar a um outro. Talvez seja isso que eu esteja fazendo agora, neste texto, ao me mostrar em minha fragilidade, ao ser vista em minha singularidade e limitação, ao exibir meu pensamento psicanalítico. Mas isso foi extremamente difícil nos pri-

meiros tempos. Ser olhada parecia naquela época restringir--se a um olhar de curiosidade médica, com seus incontáveis exames, em busca do diagnóstico de uma condição “rara”. Significava expressar às outras pessoas o que eu estava vivenciando, desnudar minha dor, minha falta. Admitir que eu dependia de um outro para ser... Algumas coisas eu não conseguiria mais fazer sozinha.

Uma cratera havia se aberto dentro de mim, de um vazio atormentador. Neste ponto, resgato então a concepção lacaniana acerca da sublimação. Para Lacan (1959-1960), a criação se dá a partir do vazio, do real que precede, que antecede o próprio sujeito. No Seminário 7, traz o exemplo do vaso de barro como aquilo que é criado a partir de um vazio primordial que circunda, que bordeja o real, mas que nunca o é. Para tal, Lacan resgata a noção de Coisa (*das Ding*), como uma experiência de satisfação primordial à qual o sujeito está sempre tentando retornar:

O mundo freudiano comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo ao máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, e nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer [...] (LACAN, 1959-1960, p. 68).

A Coisa se presentifica através de um objeto que preserva o vazio original. Assim, a criação não se trata apenas de prazer, mas também faz o sujeito se deparar com o para além do princípio do prazer, engordando-se da Coisa, daquilo que é do arcaico, do irrepresentável. “O objeto da sublimação é um objeto construído de forma imaginária, com recursos simbólicos, para explicitar uma falta inerente ao campo do real, de *das Ding* [...]” (LUCERO; VORCARO, 2013, p. 28).

Assim, a criação teria como origem algo do real, que antecede o sujeito. Ao voltar à escrita como destino sublimatório, tento dar destino ao arcaico que pareceu emergir diante de um atravessamento da ordem do vazio, da falta original. Algo da ordem da Coisa, de um vazio que não pode ser simbolizado, mas do qual tento uma aproximação, um bordejamento, via criação escrita. Um vazio mortífero que precisa encontrar ligações para poder vir a ser destino de prazer, de satisfação. Eu precisava oferecer um novo destino à sensação de aniquilamento que tomara conta de mim. As palavras da escrita e de minha análise seriam veículos condutores a oferecer um sentido, uma possibilidade de ligação ao que até então era pura angústia.

Ademais, a castração instaura o desejo. Onde há falta, há busca por satisfações substitutivas. O retorno ao mortífero se transformava em desejo de vida. A pulsão do olhar transformava-se em desejo de saber, de produção escrita, de ser lida, ser olhada. Ainda é possível ler de outras formas... Ainda é possível escrever, ainda é possível escutar os sujeitos que me oferecem suas histórias todos os dias.

Com o passar do tempo, a castração no real pode-se tornar simbólica. O processo envolve adaptações facilitadas pela tecnologia. Lupas, recursos de voz capazes de velar a falta. O saber (acerca da realidade) deixa de ser um castigo e torna-se o meio da busca pela satisfação: busca por conhecimento, por estudo. Uma escrita amparada pelos recursos tecnológicos. A perda da visão não se torna mais a perda da subjetividade. Uma busca pela descoberta por novas possibilidades de vir a ser, mesmo diante das limitações que se impõem. O primeiro marco nessa travessia foi eu ter sido a vencedora do Prêmio Doro em 2020. Minha primeira vitória diante da luta frente a um destino que até então me amordaçava. O trabalho teórico-clínico, que falava da sobrevivência psíquica de minha analisanda frente a um desejo mortífero da mãe, parecia dar voz à minha luta frente ao mortífero que se impunha sobre mim naquele momento.

E este trabalho, que escrevo agora, se apresenta como minha grande segunda vitória: eu posso me mostrar, transformar o que não posso ver em ser vista.

Quando via a luz, Édipo estava cego para saber; agora, privado da visão, é a hora do olhar que acompanha o saber conquistado - Édipo perde o trono, sua posição no significante, de onde ele via o mundo, de cima, para tornar-se um cego errante, clarividente. O olhar é, doravante, o agente: repousa no saber sobre a verdade, como no discurso do analista. [...] O saber que está no lugar da verdade no discurso do analista e que sustenta o ato analítico é, desse modo, o equivalente real do Édipo com sua tragicidade. O “eu vi” se torna “eu sei” (QUINET, 2015, p. 92).

Este texto trata-se, portanto, de um ato de libertação para mim. Um prolongamento do meu processo de análise, que vem me proporcionando um novo saber sobre mim. A possibilidade de um para além do que pode ser visto, uma redescoberta subjetiva, na qual saio do trono do ideal narcísico e me deparo com a caminhada errante que é viver diante da castração. A escrita volta como destino. É um caminho extremamente difícil e doloroso. Mas eu sigo insistindo.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-174. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 123-198. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1926 [1925]). Inibição, sintomas e ansiedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-168. (Edição standard brasileira, 20).

LACAN, J. (1959-1960). **O seminário**: livro 7: a ética da psicanálise. Tradução: A. Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1964). **O seminário**: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LUCERO, A.; VORCARO, A. Do vazio ao objeto: *das ding* e a sublimação em Jacques Lacan. **Ágora**: Estudos em teoria psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 16, n. esp., p. 25-39, abr. 2013.

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra**: fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.

Recebido em 11/07/2021

Aprovado em 30/10/2021